

O uso do *A gente* e do *Nós* por estudantes caboverdianos residentes no Brasil

*Késsio Jhone Lopes da Silva (UFC)**

<https://orcid.org/0000-0001-5099-2907>

*Claudia Ramos Carioca (UNILAB)***

<https://orcid.org/0000-0003-0956-2432>

Resumo:

O presente trabalho trata de um recorte da dissertação “O uso do *A gente* e do *Nós* pelos falantes dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa)”, Silva (2022). Nosso objetivo principal é analisar e descrever a frequência de uso dos pronomes de primeira pessoa do plural *Nós* e *A gente* na variedade de Língua Portuguesa caboverdiana falada por estudantes caboverdianos no Brasil, o que torna este estudo pioneiro em relação à temática. Nosso trabalho tem como aporte teórico a Sociolinguística Variacionista, conforme Labov (2008), e o *corpus* utilizado para a análise é o disponibilizado pelo grupo Variação e Processamento da Fala e do Discurso: análises e aplicações (PROFALA), do qual utilizamos dados de 20 informantes/estudantes oriundos de Cabo Verde. Nessa perspectiva, realizamos as análises baseadas na frequência de uso em percentuais das duas variantes utilizando grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Palavras-chave: Variação; *A gente*; Cabo Verde; *Nós*.

Abstract:

The use of *A gente* and *Nós* by caboverdiano students living in Brazil

The present work deals with an excerpt from the dissertation “The use of *A gente* and *Nós* by speakers of the PALOP (African Portuguese-Speaking Countries)”, Silva (2022). Our main objective is to analyze and describe the frequency of use of the first-person plural pronouns *Nós* and *A gente* in the Cape Verdean variety of Portuguese spoken by Cape Verdean students in

* Mestre em Estudos da Linguagem no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (PPGLin-UNILAB) e Doutorando em Linguística em Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLIN-UFC); graduado em Letras – Língua Portuguesa pela UNILAB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9779068178068143>. E-mail: kessiosilva@aluno.unilab.edu.br

** Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (PPGLin-UNILAB); doutora e mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8344871235260906>. Email: claudiacarioca@unilab.edu.br

Brazil, which makes this study pioneering in relation to the topic. Our work has as its theoretical contribution Variationist Sociolinguistics, according to Labov (2008), and the corpus used for the analysis is that made available by the group Variation and Processing of Speech and Discourse: analyzes and applications (PROFALA), from which we used data from 20 informants/students from Cape Verde. From this perspective, we carried out analyzes based on the frequency of use in percentages of the two variants using groups of linguistic and extralinguistic factors.

Keywords: Variation; *A gente*; Cape Green; Us.

Introdução

O presente estudo¹ tem como foco principal descrever e analisar a variação de *Nós* e *A gente* (grafados assim para dar destaque) pelos estudantes oriundos do país africano Cabo Verde, que faz parte dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), e que estão residindo no Brasil, à luz do suporte teórico da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008). Nesse viés, este estudo objetiva colaborar para a agenda de estudos sociolinguísticos sobre o fenômeno, além de contribuir para a descrição da Língua Portuguesa.

O fenômeno foi e continua sendo bastante discutido nas variedades do português do Brasil, contudo, ele não foi discutido, ainda, nas variedades africanas. E, em relação às variedades do português europeu, encontra-se, ainda, incipiente. Nesse sentido, nossa hipótese principal é de que é possível que o processo de assimilação do pronome *A gente* pelos falantes oriundos de Cabo Verde ocorra pelo contato linguístico com falantes nativos do português brasileiro, ou seja, é possível que o uso do pronome *A gente* seja mais frequente entre os falantes que estão há mais de seis meses no Brasil. Assim, o tempo de permanência é um dos grupos de fatores controlados em nossa pesquisa.

A problemática principal deste estudo está de acordo com a hipótese principal apresentada anteriormente. Nesse viés, buscamos descobrir se o processo de assimilação do pronome *A gente* pelos estudantes de Cabo Verde ocorre, realmente, pelo contato com o português brasileiro? Pois, mesmo com o processo de variação, em que podemos falar de variedades do português africano, o ensino e divulgação da Língua Portuguesa nos PALOP é realizada, geralmente, utilizando uma variedade mais aproximada das variedades do português europeu. Assim, é possível que um maior uso da variante inovadora seja motivado a partir do contato dos estudantes oriundos de Cabo Verde em um contato de maior duração com os falantes nativos do Brasil, apesar de que, embora ainda incipientes, existem pesquisas já realizadas nas variedades do português europeu, como a de Vianna (2016), que demonstram a ocorrência do *A gente* em Portugal.

Na próxima seção, trazemos algumas informações geográficas e, também, informações que revelam um pouco o contexto sociolinguístico do país Cabo Verde.

Breve contexto sociolinguístico de Cabo Verde

Em Cabo Verde, conhecido como as ilhas de Cabo Verde, segundo dados do Instituto Na-

1 Este texto é baseado na dissertação de mestrado "O uso do *A gente* e do *Nós* pelos falantes do PALOPS", Silva (2022).

cional de Estatísticas² (2013, p. 34), há uma população de 512.582 habitantes e um território de 4.033,0 km². O país possui 10 ilhas, mas somente 9 são habitadas. Rosa (2017, p. 3) cita que “cada qual com sua particularidade linguística e, em meio a este cenário, encontra-se o português que, para a maioria, não só é a língua oficial, mas também a segunda língua do país”. Além disso, ainda em conformidade com Rosa (2017, p. 3), ao explicar o conceito de Língua 1 (L1), como “a primeira língua do indivíduo, ou seja, é a primeira língua que o falante adquire ainda criança, quase sempre em casa, com os pais, no convívio social”, a autora afirma que em Cabo Verde a L1 é o cabo-verdiano. Ponso (2014) explica que

A situação de insularidade fez com que cada uma das dez ilhas desenvolvesse uma forma própria de falar crioulo, ou seja, em cada ilha há uma variante diferente da mesma língua que é o crioulo cabo-verdiano. As variantes mais importantes são as de Fogo, Santiago, São Nicolau e Santo Antão (Ponso, 2014, p. 13).

Ainda sobre o cabo-verdiano, esta língua que surgiu a partir da necessidade de se possuir um

instrumento simples e instável de comunicação para favorecer o entendimento, não só dos escravos entre si como também entre estes, os nativos das ilhas e os próprios colonos, principalmente para satisfação comercial. E esse instrumento, denominado pidgin, deu origem ao Crioulo Cabo-verdiano de base portuguesa e africana (Mendes, 2009, p. 18).

Desse modo, o caboverdiano é uma língua que é resultado de um processo de descrioulização desse “crioulo de base portuguesa e africana”. Ponso (2014, p. 14) assevera que “embora o bilinguismo esteja largamente espalhado em Cabo Verde, o

cabo-verdiano não necessita do português para a comunicação no dia a dia. O português restringe-se às funções burocráticas e oficiais e à comunicação com o exterior”.

Em 1999, foi instituído o português como língua oficial do país, mas com a ressalva de que o Estado promova condições para que o cabo-verdiano como língua materna seja oficializado em paridade com a Língua Portuguesa. Ainda, no mesmo ano, o Governo aprovou o Alfabeto Unificado para a Escrita do Caboverdiano (ALUPEC).

Nesse sentido, o crioulo cabo-verdiano, ou simplesmente o cabo-verdiano, passa a ter o estatuto de “língua oficial em construção” enquanto que se exige ao homem cabo-verdiano que “conheça as duas línguas” e se respeite o “direito de usá-las”, Ponso (2014).

Metodologia

O fenômeno da variação entre as formas pronominais de primeira pessoa do plural, o *Nós* e *A gente*, já é um dado comprovado a partir da realização de inúmeros trabalhos já publicados nas variedades do português brasileiro, como os de Lopes (1998), Franceschini (2011), Mendonça (2012), Mattos (2013) e Vianna (2016). A importância de mais um estudo abordando esse fenômeno dá-se por se tratar de uma variedade do português ainda não observada, uma variedade africana, mais especificamente, na variedade caboverdiana a partir de estudantes residentes no Brasil. Observemos alguns exemplos dessa variação:

1. Inf.: não/ falo ou crioulo ou portugues assim as vezes quando estou com meus colegas cabo verdianos [*Nós*] tentamos misturar (CV.0.H.61)
2. não pode nem *Nós* o aluno pode falar crioulo (CV.6.M.124)
3. Inf.: é:: (quase isso) *A gente* tem que falar mu::ito devagar (CV.6.H.07)

2 Cf. <https://www.ine.gov.ao/inicio/estatisticas>

4. ele é carioca ai ele fala que *A gente* compreende o universo através da língua (CV.6.H.12)

O presente estudo possui uma abordagem qualitativa e quantitativa. Enquanto uma pesquisa qualitativa, ela envolve a análise, compreensão e interpretação dos dados coletados em relação ao fenômeno estudado (Apollinário, 2004, p. 151). Enquanto pesquisa quantitativa, “preocupa-se com representatividade numérica, isto é, com a medição objetiva e a quantificação dos resultados” (Zanella, 2006, p. 97). Ainda, conforme Zanella (2006, p. 96), “as pesquisas quantitativas utilizam uma amostra representativa da população para mensurar qualidades”.

O *corpus* utilizado neste estudo é o do projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: análises e aplicações (PROFALA), sendo constituído com dados de fala do Português falado nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e Timor-Leste, a partir de estudantes que estão, ou estavam, residindo no Brasil.

Os dados foram obtidos pelos responsáveis do *corpus* através da realização de entrevistas com estudantes africanos e timorenses, com a utilização de um questionário adaptado do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), que foi aplicado nas entrevistas (Santos, Viana e Araújo, 2021, p. 47). Além do local de origem, o *corpus* traz informações sobre o tempo de permanência no Brasil e sobre o gênero dos informantes.

A codificação dos dados presentes no PROFALA foi formatada da seguinte forma: País (CV: Cabo Verde); Tempo de Estadia (0: Menos de seis meses; 6: Mais de seis meses) e Sexo/Gênero (H: Homem; M: Mulher). Assim, nos exemplos utilizados neste estudo constará essa codificação seguida da numeração referente à entrevista, ex.: “CV0H_18:

Homem caboverdiano com menos de seis meses no Brasil, Referente a ocorrência encontrada de número 18³”.

Extraímos do *corpus* PROFALA um total de 20 arquivos das entrevistas referentes aos informantes que serão utilizados nesta pesquisa (falantes caboverdianos), o que totaliza 20 informantes, distribuídos em sexo/gênero (feminino e masculino) e tempo de permanência no Brasil (superior ou inferior a seis meses). Os informantes foram estratificados da seguinte forma: 10 homens (5 com tempo de permanência inferior a seis meses, e 5 com tempo de permanência superior a seis meses), e 10 mulheres (5 com tempo de permanência inferior a seis meses, e 5 com tempo de permanência superior a seis meses).

Nas transcrições, há várias subseções disponíveis, mas optamos por utilizar a seção intitulada “Questionário Metalinguístico” porque se trata de uma parte da entrevista em que o informante responde a questões abertas de forma mais subjetiva, então, nesse contexto, ele se expressa mais informalmente e usa a língua de forma mais descontraída, e a língua utilizada de forma vernacular, ou seja, aquela utilizada no dia a dia, em contextos informais é a que, geralmente, são utilizadas em pesquisas de cunho sociolinguístico.

Grupo de fatores

Após análises realizadas em outros estudos, mencionados anteriormente, selecionamos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos para a análise do presente estudo.

3 Por se tratar de um recorte da dissertação “O uso do *A gente* e do *Nós* pelos falantes do PALOPS”, a numeração referente a ocorrência encontrada é conforme estas foram sendo localizadas. Assim, as numerações altas são porque dizem respeito aos 5 países do PALOP (Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné Bissau e São-Tomé e Príncipe).

Grupo de fatores extralinguísticos: Sexo e Tempo de permanência no Brasil. Em relação aos fatores extralinguísticos, convém explicitar que o fator idade, bastante recorrente em estudos de cunho sociolinguístico e, também, indicador importante para a avaliação da possibilidade de que a variação possa ser indicativo de mudança em tempo aparente, não será analisado em nossa pesquisa, pois o *corpus* que utilizamos não apresenta informações acerca da idade⁴.

Grupo de fatores linguísticos: Preenchimento do sujeito; Saliência Fônica Verbal; Paralelismo Linguístico de Nível Discursivo; Grau de Determinação do Referente Sujeito. A seguir, apresentamos cada fator dentre os grupos de fatores:

a) Sexo

O falar entre homens e mulheres pode ser muito diferente e, em distintas pesquisas acadêmicas, se corrobora essa afirmação. Entretanto, Freitag (2015, p. 17) explica que “os primeiros estudos apontaram a preferência das mulheres por variantes linguísticas com maior prestígio, assim como a maior sensibilidade feminina ao prestígio social das formas linguísticas”, ou seja, nesse viés, as mulheres tendiam a serem mais conservadoras se a variante inovadora fosse estigmatizada e tendiam a serem inovadoras quando o inverso acontecia.

Como mencionado na seção anterior, a nossa análise utiliza um total de 20 informantes caboverdianos que estudam e residem no Brasil, distribuído em 10 homens e 10 mulheres.

b) Tempo de Permanência no Brasil

Como o *corpus* disponibilizado pelo

⁴ Supomos que a causa de o *corpus* não trazer essa informação se deva ao fato de que os informantes selecionados para a pesquisa sejam universitários, assim, nossa suposição é de que a faixa etária destes discentes seja entre 18 e 25 anos.

PROFALA é proveniente de informantes africanos que estão ou estavam residindo no Brasil, a análise desse grupo de fatores é importante para a nossa pesquisa.

Além disso, partindo da hipótese de que é possível que o uso de *A gente* seja motivado, ou até mesmo influenciado, a partir do contato com falantes do Português Brasileiro (PB). Nessa perspectiva, analisaremos o tempo de permanência dos informantes no Brasil, dado fornecido pelo próprio *corpus*. Desse modo, os falantes estão estratificados entre os que estavam residindo aqui em até 6 (seis) meses, ou em tempo superior a 6 (seis) meses.

c) Preenchimento do Sujeito

Primeiro grupo de fatores linguístico controlado nesta pesquisa é o preenchimento do sujeito. Bastante recorrente em análises da variação da primeira pessoa do plural (1PP), o preenchimento do sujeito diz respeito a se o sujeito está presente ou ausente nas orações em que se localiza o *Nós/A gente* nas falas dos informantes. Nessa perspectiva, utilizaremos dois contextos em relação ao preenchimento do sujeito:

- I. se o sujeito está explícito na própria oração;
- II. se o sujeito não está explícito em contexto anterior (desinencial).

Também consideraremos ocorrências desinenciais, seja pela presença das formas desinenciais -mos ou Ø que possuem o pronome *Nós* em oração anterior, seja pela presença das formas desinenciais -mos ou Ø que possuem o pronome *A gente* em oração anterior.

d) Saliência Fônica Verbal

A saliência fônica verbal foi utilizada em várias pesquisas, conforme mencionadas anteriormente, de alternância pronominal entre *Nós* e *A gente*. Nessa perspectiva, decidimos utilizar a divisão apresentada por Rubio (2019):

Quadro 1 – Variável Saliência Fônica Verbal proposta por Rubio (2019)

I) saliência esdrúxula - a forma de primeira pessoa do plural é proparoxítona e a oposição vogal/vogal-mos não é tônica nas duas formas. Ex. cantava/cantávamos, fazia/fazíamos, tivesse/tivéssemos;
II) saliência máxima - ocorre mudança no radical e a oposição vogal/vogal-mos é tônica em uma ou duas formas. Ex.: é/somos, fez/fizemos, veio/viemos;
III) saliência média - ocorre uma semivogal na forma de terceira pessoa do singular que não ocorre na forma de primeira pessoa do plural e a oposição vogal/vogal-mos é tônica nas duas formas. Ex.: comprou/compramos, foi/fomos, partiu/partimos, vai/vamos;
IV) saliência mínima - a oposição vogal/vogal-mos é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical. Ex.: assiste/assistimos, canta/cantamos, dá/damos, está/estamos, fazer/fazermos, faz/fazemos, lê/lemos, será/seremos, trouxe/trouxemos, tem/temos.

Fonte: Rubio (2019, p. 123)

Alguns exemplos retirados do *corpus* PRO-FALA:

I- Saliência esdrúxula

5. assim *A gente* falava [falávamos] o português de Portugal com o sotaque do Criolo (CV.6.M.112)
6. então se [*Nós*] não falássemos [falasse] português (CV.0.M.182)

II- Saliência máxima

7. Inf.: não sei bem porque quando [*Nós*] somos [é] criança antes do infantil é o criolo (CV.0.M.164)
8. assim mais porque *A gente* é povoado só pelos/ (CV.6.M.119)

III- Saliência média

9. depois que [*Nós*] vamos [vai] o que vocês chamam de ensino fundamental (CV.0.M.161)
10. Inf.: é:: ó/ sexta passa eu e o D. *A gente* foi [fomos] participar de um (clube na festa) só em inglês eles se comu-

nicam (CV.6.H.10)

IV- Saliência mínima

11. *A gente* tem [temos] três aulas não se aprende muita coisa mas é só::" (CV.0.M.166)
12. Inf.: tem palavras que:: já não fazem sentido dizer em crioulo é [*Nós*] dizemos [diz] que é um crioulo aporuguesado (CV.0.M.167)

Quando o *Nós* e/ou *A gente* estiver dentro de parênteses retos, trata-se de um uso desinencial, um sujeito ausente.

e) Paralelismo linguístico de nível discursivo

O paralelismo linguístico de nível discursivo diz respeito a uma propensão que o falante tem a repetir uma mesma forma em uma sequência discursiva. Desse modo, utilizaremos um recorte das variantes sugeridas por Rubio (2019), conforme o quadro a seguir:

Quadro 2 – Variável Paralelismo Linguístico de Nível Discursivo proposto por Rubio (2019)

I. forma isolada ou primeira de uma série;
II. forma precedida de <i>nós</i> explícito;
III. forma precedida de verbo em 1PP (sujeito desinencial);
IV. forma precedida de <i>a gente</i> explícito.

Fonte: Rubio (2019, p. 125)

Alguns exemplos retirados do *corpus* PRO-FALA:

I- forma isolada ou primeira de uma série:

13. Inf.: É eu falo português porque português é a língua oficial de cabo verde mas *A gente* tem um dialeto que é o crioulo (CV.0.H.62)
14. *Nós* chamamos de infantil (CV.0.M.159)

II- forma precedida de *Nós* explícito;

15. é porque tipo São Vicente tem foi mais povoada pelos portugueses e () e africanos e *Nós* de Santiago temo / [*Nós*] temos uma língua mais assim brutal (CV.6.M.117) (CV.6.M.118)
16. eu acho que eles falam um português:: *Nós* falamos um português dessas pessoas que ficam a falar o português de Portugal (CV.0.M.145) / mas eu não acha que *A gente* não fala o português de Portugal (CV.0.M.146)

III- forma precedida de verbo em 1PP (sujeito desinencial);

17. que as pessoas não usam mesmo quando [*Nós*] estamos a conversar (CV.0.M.150)
18. por isso é uma coisa que:: mais na escola [*Nós*] temos que falar o português obrigatório (CV.0.M.151)

Nos exemplos 17 e 18, temos um pronome de 1PP, o *Nós*, utilizado de modo desinencial, precedido dos verbos “falar-mos” e “usamos” flexionados conforme o pronome.

IV- forma precedida de *A gente* explícito.

19. mas eu não acha que *A gente* não fala o português de Portugal (CV.0.M.146) / porque eles também falam diferente *Nós* falamos um português:: que (CV.0.M.147)
20. *A gente* não pode falar crioulo e:: o crioulo tá em processo de alfabetização agora (CV.0.M.187) / *A gente* só fala crioulo em casa com os amigos (CV.0.M.188)

No exemplo 19, o falante primeiro utiliza o *A gente* e em seguida utiliza o pronome *Nós*. No exemplo 20, o falante utiliza a forma inovadora, e em seguida o utiliza novamente.

f) Grau de determinação do referente sujeito

A determinação do referente sujeito tem sido frequentemente utilizado nas pesquisas de variação pronominal mencionadas na metodologia. Nessa perspectiva, adotaremos para esta pesquisa o recorte da classificação proposta por Rubio (2019):

Quadro 3 – Variável Grau de Determinação do Referente Sujeito proposto por Rubio (2019)

I) referência genérica e indefinida: quando o pronome remete a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos, geralmente com referência a pessoas ou a grupos.
II) referência genérica e definida: quando o pronome remete a uma categoria generalizada, mas determinada de indivíduos. Nesse contexto, fica claro que o falante tem consciência de determinado grupo de indivíduos, no qual ele próprio está incluso, por exemplo, as pessoas do trabalho, do futebol, da família, do bairro.
III) referência específica e definida: quando o pronome remete a uma categoria específica e determinada de indivíduos, em que o falante se inclui junto a outro referente também específico. A recuperação do referente é feita com exatidão no contexto evidenciado em períodos posteriores ou anteriores.

Fonte: Rubio (2019, p. 121)

Na próxima seção, realizamos a análise de dados a partir do *corpus* PROFALA, utilizando os grupos de fatores elencados nesta seção.

Análise

Realizamos uma análise baseada nos números de ocorrências, ou seja, com base na frequência de uso. Desse modo, apresentaremos os dados percentuais das variantes

para que seja possível observar mais facilmente.

Em nossa análise, foram encontradas ao todo um total de 130 ocorrências entre *Nós* e *A gente*, pois convém mencionar que não houve ocorrência do fenômeno na fala de alguns informantes. Dentre as 130 ocorrências, identificamos que 38 são do uso do pronome *Nós*, e 92 são relativos ao uso de *A gente*, conforme demonstrado na tabela 1:

Tabela 1 – Dados Gerais

<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	Total
38 ocorrências / 29%	92 ocorrências / 71%	130 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Assim, de acordo com o resultado exposto na tabela 1, é possível identificar que a variação pronominal da primeira pessoa do plural é existente na fala de estudantes caboverdianos residentes no Brasil e o uso da variante inovadora é superior ao da varian-

te conservadora.

Em seguida, na tabela 2, apresentamos os resultados da análise dos grupos de fatores extralinguísticos que foram testados em nossa pesquisa: sexo e tempo de permanência no Brasil.

Tabela 2 – Variáveis extralinguísticas testadas

		<i>NÓS</i>	<i>A GENTE</i>	TOTAL
SEXO	MASCULINO	4 ocorrências / 7%	51 ocorrências / 93%	55 ocorr. / 100%
	FEMININO	34 ocorrências / 45%	41 ocorrências / 55%	75 ocorr. / 100%
TEMPO DE PERMANÊNCIA	INFERIOR A 6 MESES	33 ocorrências / 47%	37 ocorrências / 53%	70 ocorr. / 100%
	SUPERIOR A 6 MESES	5 ocorrências / 8%	55 ocorrências / 92%	60 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Na variável sexo, de acordo com a tabela acima, o sexo masculino realiza um maior uso da variante inovadora, com um total de 93% (conferir exemplos 21 e 22). O sexo feminino fica quase em um ponto de neutralidade, pois a diferença é de apenas 7 ocorrências, sendo 45% para o *Nós* e 55% para o pronome *A gente*, (conferir exemplos 23 e 24, respectivamente).

21. aprender a falar é fácil *A gente* achava é fácil (CV.6.H.29)

22. *Agente* pra falar a verdade (CV.6.H.01)

23. não pode nem *Nós* o aluno pode falar crioulo (CV.6.M.124)

24. quando *A gente* tá na universida::de normalmente (CV.6.M.100)

Nesse viés, ambos os sexos utilizam mais a variante inovadora. Porém, o sexo feminino conta com uma diferença pequena em relação à quantidade de ocorrências.

Em relação ao tempo de permanência do falante no Brasil, nota-se que predomina o uso de *A gente*, tanto aos que estavam até 6 (seis) meses (exemplo 25), com uma diferença de somente 4 ocorrências, como aos que estavam há mais tempo (exemplo 26).

Contudo, vale ressaltar que o uso de *A gente* aumenta consideravelmente entre aqueles que estiveram aqui por mais de 6 meses, saltando de 5 ocorrências para 55.

25. Inf.: sim (+) assim tem um que é da capital que é o Badim e tem um que é donde eu cresci que é sempre ajuda(+) mas tudo é crioulo *A gente* entende (CV.0.H.59)

26. tem sotaque é diferente de português de Portugal e:: até da:: ((balbucios)) *A gente* enrola ((ri)) (CV.6.H.23)

Os resultados referentes ao tempo de permanência confirmam nossa hipótese de que um maior uso da variante inovadora pode estar relacionada a um maior contato com falantes nativos brasileiros, pois podemos observar que obtivemos somente 5 ocorrências nos estudantes que estavam aqui em um período menor que 6 meses, mas, nos estudantes que já estavam há mais de 6 meses, esse número salta para 55 ocorrências.

Na próxima tabela, temos os resultados provenientes dos grupos de fatores linguísticos testados em nosso estudo:

Tabela 3 – Variáveis linguísticas testadas

		NÓS	A GENTE	TOTAL
PREENCHIMENTO DO SUJEITO	TIPO I	13 ocorrências / 13%	89 ocorrências / 87%	102 ocorr. / 100%
	TIPO II	24 ocorrências / 86%	4 ocorrências / 14%	28 ocorr. / 100%
SALIÊNCIA FÔNICA	S. ESDRÚXULA	4 ocorrências / 27%	11 ocorrências / 73%	15 ocorr. / 100%
	S. MÁXIMA	3 ocorrências / 50%	3 ocorrências / 50%	6 ocorr. / 100%
	S. MÉDIA	4 ocorrências / 44%	5 ocorrências / 56%	9 ocorr. / 100%
	S. MÍNIMA	27 ocorrências / 27%	73 ocorrências / 73%	100 ocorr. / 100%

PARALELISMO LINGUÍSTICO	TIPO I	10 ocorrências / 20%	41 ocorrências / 80%	51 ocorr. / 100%
	TIPO II	13 ocorrências / 68%	6 ocorrências / 32%	19 ocorr. / 100%
	TIPO III	12 ocorrências / 63%	7 ocorrências / 37%	19 ocorr. / 100%
	TIPO IV	1 ocorrências / 2%	40 ocorrências / 98%	41 ocorr. / 100%
GRAU DE REFERÊNCIA	TIPO I	27 ocorrências / 44%	35 ocorrências / 56%	62 ocorr. / 100%
	TIPO II	11 ocorrências / 19%	47 ocorrências / 81%	58 ocorr. / 100%
	TIPO III	1 ocorrências / 100%	0 ocorrências / 0%	1 ocorr. / 100%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Na primeira variável linguística testada, o tipo de preenchimento do sujeito, observamos que, de acordo com a tabela, em relação ao tipo I (sujeito explícito na própria oração), o uso da variante inovadora *A gente* é bem superior ao da variante conservadora, pois obtivemos 87% (89 ocorrências), ver exemplo 27. Contudo, quando se trata do tipo II (sujeito não explícito ou desinencial), constatamos que o *Nós* (86%) se sobressai ao *A gente*, ver exemplo 28.

27. Inf.: *A gente* aprende na escola essas coisas (CV.0.M.173)

28. quando eu comecei a aprender o português [*Nós*] começamos a substituir algumas coi::sas (CV.0.M.186)

A saliência fônica, segundo grupo de fatores linguístico, é definido “como o de uma hierarquia das formas verbais em função do contraste entre a forma com a desinência e a 3a pessoa do singular” (Zilles e Batista, 2006, p. 105). Nesse viés, a saliência fônica consiste, fundamentalmente, de acordo com Lopes (1998):

Entre duas formas niveladas, que se opõem, é mais provável a manutenção dessa oposição quando existe, entre elas, uma diferenciação fônica acentuada. Caso contrário, ou seja, quando for menor essa distinção, há uma tendência de se neutralizar a oposição e prevalecer o uso de apenas uma das formas. (Lopes, 1998)

O estudo de Naro, Görski e Fernandes (1999) comprova que quanto maiores os níveis de saliência entre as formas verbais, maior a frequência de uso da forma de 1PP, seja o uso de *Nós* ou *A gente*. Assim, à medida que o nível de saliência aumenta, há também o aumento da frequência de aplicação da desinência de 1PP.

Nos resultados em relação à saliência fônica, temos que, com relação à saliência mínima, onde se concentra o maior número de dados, obtivemos um total de 100 ocorrências entre as duas variáveis. Assim, de acordo com a tabela 3, o *A gente* corresponde a 73% das ocorrências, (exemplos 29 e 31), e somente 27% de *Nós* (exemplos 30 e 32).

29. *A gente* fala crioulo mesmo (CV.0.M.176)
30. Inf.: só com:: estrangeiros são to-meenses angolanos brasileiros (pra eles poderem entender) mas quando [Nós] estamos (juntos) em crioulo (CV.0.H.60)
31. português que *A gente* aprende e eu falo também inglês (CV.6.H.18)
32. [Nós] temos uma língua mais assim brutal (CV.6.M.118)

O paralelismo formal, o terceiro grupo de fatores linguístico, pode acontecer “seja dentro de um sintagma, seja entre orações, por influência, dependendo do fenômeno, de fatores pragmático-discursivos” Lopes, (1998, p. 11). Desta maneira, conforme testado em diversas pesquisas, acreditamos que, quando o falante escolhe determinada forma, ele irá repeti-la caso não haja mudança do referente. Assim, Omena (2003, p. 72) exemplifica que:

uma vez que usou a forma *a gente* e vai nomear o mesmo referente (*a gente*, referente igual), o falante a repete, [...], ao contrário, se a forma usada antes foi *nós* e o falante continua a referir-se ao mesmo grupo (*nós*, referência igual), a probabilidade é que ele siga usando *nós*. (Omena, 2003, p. 72)

Partindo, então, da hipótese de que a primeira realização do pronome desencadeia a repetição deste, ou seja, se o falante iniciar uma sequência discursiva utilizando o pronome *Nós*, é possível que continue utilizando o mesmo pronome nas proposições seguintes, que pode ocorrer de modo implícito ou explícito, o mesmo pode ocorrer se ele optar por usar o *A gente*.

De acordo com a tabela 3, em relação ao paralelismo formal, temos 41 ocorrências de *A gente* (80%), em detrimento de 10 para o *Nós* (20%), em ocorrências isoladas ou primeiro de uma série (o fator que concentra

a maior quantidade de dados), favorecendo a variante inovadora, ver exemplos 33 e 34. Também temos 40 ocorrências de *A gente* e somente 1 de *Nós* quando precedida de *A gente* explícito (tipo iv), conforme esperado, ver exemplos 35 e 36.

33. tem um pessoal cabo verdiano especificamente cabo verdiano que *A gente* fala so crioulo (CV.0.H.70) / *A gente* fa/ acho (CV.0.H.71) / que *A gente* faz questão né” (CV.0.H.72)
34. porque quando você vai falar com umas pessoas e eles não entendem não dá *A gente* tenta mais não dá (CV.6.M.114)
35. *A gente* não entende nada (CV. 0. M. 177) / *A gente* parou e falou português (CV.0.M.178)
36. quando:: *Agente* soube da:: das notas (CV.0.M.189) / que *A gente* tinha que fazer um teste (CV.0.M.190)

Na última variável linguística testada em nossa pesquisa, o grau de referência do sujeito, é possível observar no uso cotidiano da língua que formas pronominais são frequentemente utilizadas com a função de indeterminar o sujeito em diversas línguas, incluindo o Português Brasileiro. Na gramática tradicional, geralmente, é citado somente duas formas de se realizar essa indeterminação: “a) com o verbo na 3.^a pessoa do plural sem sujeito; e b) com o pronome -se junto ao verbo na 3.^a pessoa do singular”, (Cunha E Cintra, 2001, p. 128). Contudo, conforme vários estudos mencionados na seção de metodologia, há variadas formas e grande diversidade de recursos para se indeterminar o sujeito para além das que trazem as gramáticas tradicionais. Dentre essa variedade, a determinação do referente tem se destacado como uma variável relevante para a escolha do pronome, no nosso caso, a alternância pronominal entre *A gente* e *Nós*.

Franceschini (2011, p. 114) aponta que, de modo geral, “parece indicar que nós geralmente refere-se a um sujeito mais determinado, enquanto a gente seria mais utilizado com referente indeterminado, mesmo que também seja amplamente usado em referência à 1.^a pessoa do plural”.

De acordo com a tabela 3, o *A gente* é favorecido nas ocorrências do tipo I (56%) quando a referência é genérica e indefinida (o pronome remete a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos, geralmente com referência a pessoas ou a grupos), ver exemplo 37. A variante inovadora também é favorecida no tipo II (81%), quando o grau de referência é genérico e definido, conforme o exemplo 38:

37. a partir de seis anos *A gente* começa aprender a soletrar (CV.6.M.122)

38. quando:: *Agente* soube da:: das notas (CV.0.M.189)

Realizada nossas análises, partimos para as considerações finais em relação ao estudo na próxima seção.

Conclusão

Este estudo teve como objetivo realizar a descrição e análise da variação entre *Nós* e *A gente* a partir da fala de estudantes caboverdianos. Para isto, utilizamos dados provenientes do *corpus* PROFALA de 20 informantes que estavam estudando e residindo no Brasil.

Conforme observado em nossas análises, podemos constatar que os estudantes de Cabo Verde residindo no Brasil, com 92% total dos dados, utilizam mais a variante inovadora *A gente*. Nossa hipótese inicial era a de que o uso da variante inovadora *A gente* fosse realizado com mais frequência pelos estudantes caboverdianos que estavam residindo no Brasil por mais tempo, pois um maior contato com

falantes brasileiros poderia ocasionar um processo de assimilação, o que poderia influenciar em um maior uso da variante inovadora. Assim, conforme nossa análise, foi possível constatar que a realização do pronome inovador aumenta consideravelmente quando o tempo de permanência no Brasil ultrapassava seis meses, pois, de acordo com os dados obtidos, o número de ocorrências entre *Nós* e *A gente* é de quase neutralidade, pois temos 47% e 53% respectivamente. Já entre os falantes que estavam há mais de 6 meses no país, obtivemos 8% de ocorrências de *Nós* e 92% de ocorrências de *A gente*.

Desse modo, este trabalho conseguiu confirmar a variação existente entre o pronome *Nós* e o pronome *A gente* como formas alternantes na 1PP e descrever alguns fatores que condicionam seus usos em estudantes de origem caboverdiana residindo no Brasil. Convém mencionar que a análise para verificar se a variação aponta ou não indícios de mudança não foi possível de ser feita já que o *corpus* PROFALA não possui falantes de gerações diferentes, pois a faixa etária entre os informantes do *corpus* é bem aproximado entre si como visto na seção metodológica. Nesse viés, o presente trabalho traz uma contribuição para futuras pesquisas na área e na descrição do português africano.

Referências

- APOLLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a Produção do Conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2004.
- CUNHA, Celso, CITRA, Linddley. **A nova gramática do português contemporâneo**. 3^a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FRANCESCHINI, Lucelene. T. **Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia -SC**. 2011. 250 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

FREITAG, Raquel Meister Ko. discutindo sexo/gênero na sociolinguística. **Mulheres, linguagem e poder—Estudos de gênero na sociolinguística brasileira**. São Paulo: Blucher, p. 17-74, 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Estatísticas da CPLP**. Lisboa, 2013.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, Célia R. dos S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 14, p. 405-422, 1998.

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. **Goiás na primeira pessoa do plural**. 2013. 137 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MENDES, Amália Faustino. **Referencial para o ensino em português língua segunda em Cabo Verde no contexto da oficialização da língua cabo-verdiana**. 2009. 158 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, 2009.

MENDONÇA, Alexandre Kronemberger De. Nós e a gente na cidade de Vitória: análise da fala capixaba. **PERcursos Linguísticos**, v. 2, n. 4, p. 1–18, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3173>. Acesso em: 26 mar. 2022.

NARO, Anthony J.; GÖRSKI, Edair; FERNANDES, Eulália. Change without change. **Language variation and change**, v. 11, n. 2, p. 197-211, 1999.

OMENA, Nelize P. **A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?** In: PAIVA, M. da C. e DUARTE, M. E. L. (org.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contracapa, 2003.

PONSO, Letícia Cao. Um foco sobre a situação sociolinguística dos Países Africanos de Língua

Oficial Portuguesa. **Revista Icarahy**, 2014.

ROSA, Ailene C. B. S. **Ensino bilíngue em Cabo Verde: desafios e práticas educativas**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2017.

RUBIO, Cássio F. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português Brasileiro e no português europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. (Coleção PROPG Digital - UNESP). Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109234>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SANTOS, Hugo L. S.; VIANA, Raket B. de M.; ARAÚJO, Aluiza A. Panorama do Estudos Sociolinguísticos no Ceará. In: ARAÚJO, A. A.; VIANA, R. B. de M.; RODRIGUES, L. da S. **O falar culto de Fortaleza em foco**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 20-54.

SILVA, Késsio Jhone L. da. **O uso do A gente e do Nós pelos falantes dos PALOP**. 2022. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Estudo da Linguagem (PPGLin) Mestrado em Estudos da Linguagem. Instituto de Linguagens e Literaturas (ILL), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Acarape, 108f. 2022.

VIANNA, Juliana B. de S. A variação entre nós e a gente: uma comparação entre o português europeu e o português brasileiro. **Revista do GELNE**, v. 14, n. 1/2, p. 95-116, 15 mar. 2016.

ZANELLA, Liane C. H. **Metodologia da pesquisa**. Florianópolis: SEAD/UFSC, 2006.

ZILLES, Ana Maria S.; BATISTA, H. H. R. B. **A concordância verbal de primeira pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre**. In: VANDRESEN, Paulino (org.) *Variação, mudança e contato linguístico no português da região sul*. Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2006. p. 99-124.

Recebido em: 24/02/2024

Aprovado em: 11/05/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.